

# **CÂMARA TEOLÓGICA IAP**



**Espaço Promessa, Cosmópolis, SP | 19 de Outubro**

**2024**

# A CARNE DE PATO É CONSIDERADA IMUNDA PELA BÍBLIA?

## INTRODUÇÃO

A questão sobre a permissibilidade da carne de pato conforme os preceitos bíblicos tem sido objeto de debate entre diversos grupos religiosos, incluindo os Adventistas da Promessa. Baseando-se nos textos de Levítico 11 e Deuteronômio 14, que delineiam as leis alimentares divinas, surge a indagação: a carne de pato é considerada imunda pela Bíblia?

Os Adventistas da Promessa interpretam esses textos como uma orientação divina para a escolha de alimentos limpos, evitando aqueles que Deus soberanamente proibiu. No entanto, quanto ao consumo de carne de pato, não há consenso. Diante deste cenário, para melhor compreensão do tema, duas considerações serão feitas neste estudo:

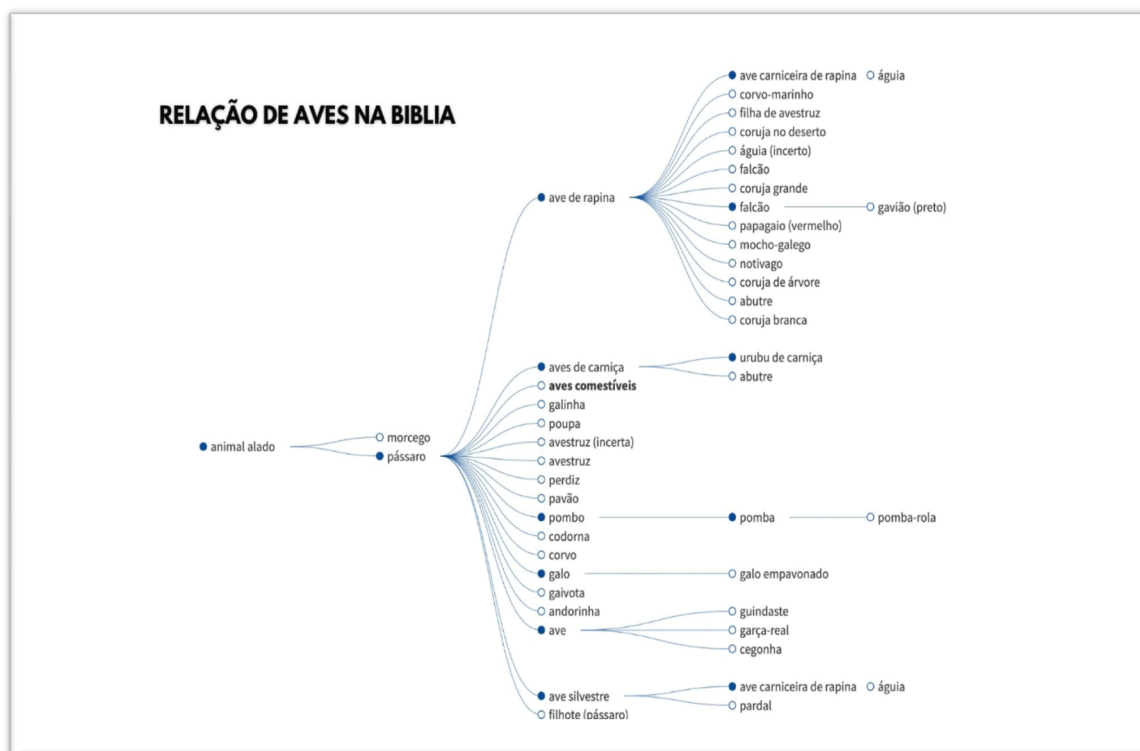
- 1) Primeiramente, é crucial examinar o que as Sagradas Escrituras dizem sobre as aves consideradas imundas. Levítico 11:18 menciona "a gralha, o pelicano, o abutre" (ARA), mas há divergências na tradução e interpretação desses termos. Algumas traduções incluem o cisne na lista, uma ave da família do pato. Esta ambiguidade lança dúvidas sobre se o pato está implicitamente incluído entre as aves imundas. Por isso, um estudo mais profundo do texto bíblico é fundamental;
- 2) Em segundo lugar, examinaremos o entendimento judaico sobre a alimentação, pois os judeus observam rigorosamente as leis alimentares há milênios. A tradição judaica, ao listar as aves consideradas *casher* (apropriadas para consumo), não inclui o pato entre as proibições, o que fortalece a argumentação em favor do pato ser uma ave própria para a alimentação.

Este estudo, então, usará essas duas considerações para compreender melhor este assunto a fim de trazer, à luz dos fatos, um entendimento mais claro sobre se a Bíblia considera a carne de pato imunda ou não.

## PRIMEIRA CONSIDERAÇÃO: A POSIÇÃO BÍBLICA.

De modo geral, quando olhamos para a Bíblia e sua apresentação das aves que são consideradas próprias e impróprias, tanto para alimentação quanto para sacrifícios, percebemos uma pluralidade de classificação e ordem que muitas vezes não segue a classificação da ciência biológica dos dias atuais. No

entanto, existe uma clareza quanto à vontade soberana de Deus sobre o que podemos comer e o que não podemos. De modo geral, a aves nas Escrituras seguem a seguinte ordem, como mostra o gráfico abaixo:<sup>1</sup>



Vale a pena pontuar aqui que o termo "animal alado" (animal com asas) aparece neste estudo apenas pelo fato de que, na lista das aves impróprias para alimento de Levítico 11.13-20, inclui-se o morcego. Como sabemos hoje, ele não recebe classificação de ave, mas de mamífero.

Ao olharmos mais detidamente para o texto de Levítico 11.13-20, vemos destacada a lista de animais alados (entre eles as aves) que são proibidos por Deus para alimentação, recebendo, por isso, a declaração de que são imundos, tanto para alimentação quanto para serem oferecidos em sacrifícios. O texto mencionado diz o seguinte:

**13** Das aves, estas abominareis; não se comerão, serão abominação: a águia, o quebrantosso e a águia marinha; **14** o milhano e o falcão, segundo a sua espécie, **15** todo corvo, segundo a sua espécie, **16** o avestruz, a coruja, a gaivota, o gavião, segundo a sua espécie, **17** o mocho, o corvo marinho, a íbis, **18** a gralha, o pelicano, o abutre, **19** a cegonha, a garça, segundo a sua espécie, a poupa e o morcego.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Figura software Biblico Logos.

<sup>2</sup> Almeida Revista e Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Lv 11.13–19.

Pois bem, todas estas cerca de vinte aves citadas são impróprias para a alimentação – em alguns casos, isso inclui todas da espécie também como impróprias para a alimentação (Lv 11:13-19; Dt 14:12-20). As demais aves devem ser consideradas “puras” e servem para alimentação (Dt 14:11).

Então, para sabermos se a carne do pato é ou não própria para a alimentação, devemos perguntar: ele foi citado diretamente na lista ou é da família de alguma das aves citadas? Para respondermos a esta questão vamos nos concentrar no v. 18 de Levíticos 11. Este é o versículo que dá base para toda esta reflexão. Versões bíblicas apresentam traduções diferentes para os termos hebraicos que aparecem no texto original, como segue:

**Almeida Revista e Atualizada** - “a gralha, o pelicano, o abutre”  
**A Vulgata latina** - “O cisne e o pelicano e o porfirião”  
**A Tradução Ecumenica** - “a coruja das torres, a gralha, o abutre”  
**A Septuaginta** - “E o porfirião, e o pelicano e o cisne”  
**Verção Católica** - “O cisne, o pelicano, o alcatraz”  
**Verção Matos Soares (Católica)**: “o cisne, o pelicano, o porfirião”  
**N TLH** – “gralhas, pelicanos, abutres”  
**Almeida Corrigida e Fiel** - “E a gralha, e o cisne, e o pelicano”  
**Almeida Tradução Brasileira 2010** - “o porfirião, o pelicano, o abutre”  
**Almeida Revista e Corrigida** - “e a gralha, e o cisne, e o pelicano”  
**Nova Almeida e Atualizada** - “a gralha, o pelicano, o abutre”  
**NVT** - “a coruja-das-torres, a coruja-do-deserto, o abutre-do-egito”  
**Nova Versão Internacional** - “A coruja-branca, a coruja-do-deserto, o abutre”

Podemos observar na lista das versões apresentadas que não há consenso nas traduções das palavras hebraicas que aparecem em Levítico 11.18. Para exemplificar: o termo hebraico que a Almeida Revista e Atualizada traduz como gralha, é traduzido como cisne pela Versão Católica ou até mesmo por “coruja-branca” pela NVI. O que a Almeida Revista e Atualizada traduziu por pelicano também aparece traduzido como cisne (Almeida Revista e Corrigida), como gralha e outras vezes como coruja-do-deserto, em outras versões. Por fim, o que a Almeida Revista e Atualizada traduziu por abutre é traduzido também como porfirião (uma espécie de galinhola, possivelmente um anacronismo), outras vezes como cisne e outras como pelicano.

E onde o pato entra nestas traduções? Como se pôde perceber, em nenhuma tradução temos citado diretamente o pato. Entretanto, o “cisne” é aparece em algumas delas. Este é o ponto deste estudo. O pato é da família do cisne (família de anátídeos - que inclui, além do pato, o marreco e o ganso). Sendo o pato da família do cisne, surge a dúvida que enseja este texto: a carne dele é ou não autorizada por Deus, dentro de suas regras soberanas para a alimentação? Pois bem, como as traduções em português são distintas, passemos a considerar os termos no hebraico, no texto original:

**Hebraico:** <sup>3</sup>אֶת־הַתְּשׁוּמֹת וְאֶת־הַקָּאֵת וְאֶת־הַרְחָם  
*ră·hām* *qā'āt* *tin·šě·mět*

No texto original temos três palavras hebraicas diferentes, nomeando aves diferentes: תְּשׁוּמֹת (*tin·šě·mět*), קָאֵת (*qā'āt*) e רְחָם (*ră·hām*). Como nem sempre é fácil entender a que aves os termos se referem, nas versões bíblicas em português apresentadas anteriormente, para todas estas três palavras houveram tradutores que optaram pela tradução cisne. Na versão Católica e na Vulgata, o termo תְּשׁוּמֹת (*tin·šě·mět*) foi traduzido por “cisne”. Na Almeida Revista e Corrigida, קָאֵת (*qā'āt*) foi traduzido por cisne. Já na Septuaginta, o termo רְחָם (*ră·hām*) que foi traduzido por cisne. Passemos a um estudo mais pormenorizado de cada termo para verificar se algum deles pode, efetivamente, ser traduzido por cisne.

O primeiro termo que aparece em Lv 11.18 é תְּשׁוּמֹת (*tin·šě·mět*), traduzido pela Almeida Revista e Atualizada como **gralha**. Este termo hebraico aparece três vezes em todo o Antigo Testamento, duas indicando uma ave em seu contexto e outra indicando um réptil. Aparece em Lv 11.18 traduzida como gralha, uma espécie de ave de rapina, e aparece também em Lv 11.30 para camaleão. Em todo caso, sempre aparece como um animal considerado proibido para alimentação. E em nenhum momento traz referência ou semelhança com uma ave semelhante ao cisne ou pato. No caso, o termo se refere a uma ave de rapina, ou um réptil. O termo e seu contexto em que aparece nas Escrituras, é sempre para um animal considerado imundo.

Outro termo que aparece no texto de Lv 11.18 é קָאֵת (*qā'āt*), geralmente traduzido por **pelicano** (foi assim que a Almeida Revista e Atualizada traduziu). O termo aparece 5 vezes em toda Bíblia (Lv 11.18; Dt 14.17; Is 34.11; Sf 2.14; Sl 102.07). O termo é traduzido tradicionalmente como pelicano, uma ave aquática. No entanto, precisamos observar o contexto cada vez que a palavra aparece nas Escrituras, para tentamos saber de qual animal se trata afinal. Em Lv 11.18 podemos definir apenas que era uma ave, pois se encontra no contexto das aves proibidas para consumo, assim como em Dt 14.

Em Is 34.11 diz: *Mas o pelicano (קָאֵת - qā'āt) e o ouriço a possuirão; o bufo e o corvo habitarão nela. Estender-se-á sobre ela o cordel de destruição e o prumo de ruína.*<sup>4</sup> O contexto fala da destruição de Bozra cidade de Edom, que ficaria completamente destruída e deserta. Vários animais carniceiros e raptos aparecem no texto indicando a completa destruição da cidade ficando também desértica. Diante deste contexto surge uma dúvida. O que um pelicano, ave com característica aquática esta fazendo lá, uma vez que a cidade edomita ficava em

<sup>3</sup> K. Elliger, W. Rudolph, e Gérard E. Weil, *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, electronic ed. (Stuttgart: German Bible Society, 2003), Lv 11.18.

<sup>4</sup> *Almeida Revista e Atualizada* (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993), Is 34.11–12.

uma colina<sup>5</sup> de difícil acesso sem mar ou lago? E aqui talvez faça mais sentido a tradução de **קֶאֱת** (*qā'āt*) para “a coruja-do-deserto” feita pela Nova Versão Internacional, pelo fato ser uma ave de lugares desérticos, símbolo de assolação. Em todo caso, o fato é que o profeta quer deixar claro que animais imundos habitariam a cidade, como símbolo de juízo e maldição.

Em Sf 2.14 o termo **קֶאֱת** (*qā'āt*) volta a aparecer, traduzido também como pelicano em algumas versões em português, na profecia da destruição de Nínive, capital do antigo império Assírio. Usando a mesma linguagem de Isaías 34.11, com animais imundos, com características de ocupação de lugares desérticos, com uma diferença de que, ao contrário de Bozra que ficava no alto de uma montanha, Nínive estava as margens do Rio Tigre.<sup>6</sup> Justificando assim a presença do pelicano como ave aquática.

Por fim, no texto de Sl 102.06 o termo **קֶאֱת** (*qā'āt*) aparece novamente traduzido como pelicano, acompanhado da coruja das ruínas. O texto é uma oração de lamento, e que usa a imagem das aves para descrever a tristeza do salmista não apenas na figura de aves solitárias e de lugares desérticos, como principalmente o seu canto melancólico. Calvino<sup>7</sup> em seu comentário deste salmo fala da dificuldade de identificação das aves nele descrita, e a falta de consenso dos tradutores.

Diante destas considerações sobre o termo **קֶאֱת** (*qā'āt*), podemos afirmar que, mesmo sendo traduzido como pelicano algumas vezes, a impressão é que

---

<sup>5</sup> Bozra estava localizada nas colinas de arenito, a aproximadamente 32 quilômetros a sudeste do Mar Morto, no coração do que já foi o território de Edom. Agora situada na moderna vila de Buseirah, na Jordânia, a antiga Bozrah era um microcosmo do maior território edomita – representando a inacessibilidade da área devido às colinas escarpadas de arenito, paredes íngremes e ravinas. Bozra era protegida por ravinas íngremes em três lados, e foi esta posição naturalmente protegida que provavelmente contribuiu para o seu nome, que em hebraico significa “inacessível” ou “fechado” (da palavra hebraica בצר, *btsr*). Na introdução à sua acusação contra Edom, o livro de Obadias observa que os edomitas viviam “nas fendas das rochas” e tinham a sua habitação “nas alturas”, e assim podiam dizer nos seus corações: “Quem me derrubará? para o chão?” (Obade 3 NRSV; compare Jeremias 49:16). O profeta pode ter pensado na cidade de Bozra.

Justin L. Kelley, “Bozrah, in Edom”, ed. John D. Barry et al., *The Lexham Bible Dictionary* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2016).

<sup>6</sup> Nínive estava localizada na margem leste do rio Tigre, a jusante das montanhas curdas na atual cidade de Mosul, no Iraque. O local tem cerca de aproximadamente 12 quilômetros de circunferência e contém duas cidadelas principais — Kouyunjik e Nabi Yunus. O rio Khosr, um afluente do Tigre, corre entre essas duas cidadelas.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Anna Sieges, “Nineveh”, ed. John D. Barry, *Dicionário Bíblico Lexham* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2020).

<sup>7</sup> O termo hebraico aqui usado para *coruja* é traduzido pela Septuaginta, νυκτικοραξ, que significa *um morcego*.<sup>9</sup> Mas se os próprios judeus nutrem dúvidas quanto ao tipo de aves que estão aqui em pauta, nos seja suficiente simplesmente saber que neste versículo está em realce certas aves melancólicas cujo lugar de habitação é nos buracos dos montes e nos desertos, e cujo canto, longe de deleitoso e suave aos ouvidos, inspira com terror os que o ouvem.<sup>79</sup> “La translation Grecque há Nicticorax qauí est Chauvesouris.” – *v.f.*

<sup>7</sup> João Calvino, *Salmos*, ed. Franklin Ferreira, Tiago J. Santos Filho, e Francisco Wellington Ferreira, trans. Valter Graciano Martins, Primeira Edição., vol. 3, Série Comentários Bíblicos (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009–2012), 593.

o termo indica mais uma ave de rapina do que uma ave aquática. Todo texto precisa ser interpretado à luz do seu contexto. E, nos contextos em que aparece o termo, combina mais a referência a uma ave de rapina do que a uma ave aquática. Deste modo, a NVI parece ser a tradução mais acertada para o termo. Ela trouxe “coruja-do-deserto”. Uma vez que o pelicano é uma ave aquática caçadora de peixe e não uma carniceira, o termo coruja se aplica melhor no contexto pelo fato de ser uma ave de rapina, caçadora de pequenos animais. Aqui, também, pelo que foi exposto, não cabe a tradução cisne.

Por fim, o último termo de Lv 11.18 **רְחֵם** (*ră·ḥām*), que é traduzido na Almeida Revista e Atualizada por **abutre**. O termo aparece apenas duas vezes nas Escrituras, uma em Lv 11.18 e outra em Dt 14.17, textos que tratam das aves proibidas para consumo e portanto imundas. Não tendo mais referência bíblica onde o contexto poderia nos ajudar a entender melhor o tipo de ave, ficamos apenas com a informação que de que é uma ave imunda.

O Léxico Lexham da Bíblia Hebraica, traz o seguinte sobre o termo: “uma espécie de abutre, possivelmente e particularmente associado com comer carniça, que era considerado impuro para comida”.<sup>8</sup> Champlim diz que o termo **רְחֵם** (*ră·ḥām*) significa “ternura”, “afeto”. Alguns dão a esse nome o sentido de “misericordioso”. Ele diz que pode referir-se a um tipo de abutre considerado sagrado para os egípcios, mas uma abominação para os hebreus. No Egito, era um caçador tão grande de carniça que chegava a impedir epidemias, o que explica a boa reputação naquele país. É extremamente afetuoso com seus filhotes, e isso lhe pode ter valido o nome.<sup>9</sup> Aqui, também, não cabe a tradução cisne para o termo.

## O termo cisne

Conforme exposição feita anteriormente, dos termos hebraicos presentes em Levítico 11:18, a possibilidade de tradução “cisne” para qualquer é muito improvável. Mas, por que, então, algumas tradução em português trazem esta possibilidade? É provável que esta confusão tenha se originado por conta de duas traduções da Bíblia antigas que muito influenciaram as primeiras traduções bíblicas para o português: a Septuaginta e a Vulgata Latina.

A Septuaginta é a versão em grego do Antigo Testamento hebraico. Os tradutores da Septuaginta traduziram o termo hebraico **רְחֵם** (*ră·ḥām*) para *κύκνον*, que era a palavra usada no grego para cisne.

A Vulgata é a tradução da Bíblia para o latim. Ela reinou como sendo a tradução principal da igreja por centenas de anos. Quando Jerônimo fez a tradução da Vulgata, teve muita influencia da Septuaginta. Ele traduziu uma das palavras de Levítico 11:18 por *cycnum*, palavra usada no latim para cisne.

---

<sup>8</sup> Rick Brannan, org., Léxico Lexham da Bíblia Hebraica (Bellingham, WA: Lexham Press, 2020).

<sup>9</sup> Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, R. N. Champlim, pg. 514.



No livro **Cashrut e shabat na cozinha judaica**, trata-se a respeito do assunto incluindo o pato como ave própria para o consumo: As aves *casher* são identificadas por uma tradição transmitida de geração para geração e é universalmente aceita. A *Torá* especifica as aves que são proibidas, incluindo todas as aves de rapina ou que se alimentam de carniça. Entre as aves *casher* estão incluídas as espécies domésticas de pomba, frangos, patos, gansos e perus. Aves que não tem tradição de *casher* ou não são conhecidas como *casher* não podem ser ingeridas.<sup>12</sup>

O próprio texto deixa claro que essa postura possui como base a tradição oral dos judeus, passada de geração após geração. Os judeus encontraram dificuldade, ao longo do tempo, de associar os termo do texto hebraico de Levítico 11:18 com o pato, e, por isso, seus antepassado sempre comeram pato.

### **TRÊS ESCLARECIMENTOS IMPORTANTES:**

**O primeiro** é que historicamente (dentro da nossa denominação), há quem se utilize das questões anatômicas do pato para dizer que ele é impuro (ex.: o fato de ele ter membranas entre os dedos, etc.), importante que se fique claro que a Bíblia não faz referência a essa questão anatômica (unhas fendidas) para a proibição do consumo das aves; por isso, para alguns, que no desejo de argumentarem a suposta proibição do consumo da carne de pato, fazem uma associação com as unhas fendidas, há de se lembrar que essa é uma exigência (unhas fendidas) exclusivamente para os quadrúpedes, e não para aves.

**O segundo** é que, assim como a questão anatômica referente às membranas, alguns alegam que o pato não tem “moela”. A moela é considerada um estômago muscular, responsável pela trituração e maceração do alimento (mastigação), e a falta deste órgão no pato, o tornaria imundo. Neste caso, há de se lembrar que não há exigência bíblica explícita ou implícita de que ter ou não moela, seria uma das exigências para se considerar uma ave imunda ou não; entretanto, há de se saber que sim, o pato tem moela (para quem julga ser necessário para se considerar uma ave limpa);

**O terceiro** esclarecimento é que, sendo o pato uma ave limpa, há de se incluir, nesta lista, também o ganso e o marreco, e o próprio cisne. Todos eles não estão incluídos entre as carnes impróprias para o consumo humano de acordo com as leis Levíticas, pois pertencem todos à mesma família.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A questão da permissibilidade da carne de pato à luz dos preceitos bíblicos é complexa e tem sido objeto de debates entre diferentes grupos religiosos, incluindo os Adventistas da Promessa. Ao examinarmos as

---

<sup>12</sup> Rabino Shamaï Ende, *Cashrut e shabat na cozinha judaica*, 3 edição, editora Chabad - São Paulo 2026, Pg. 14

Escrituras, e o entendimento judaico, podemos concluir que não há fundamentos sólidos para considerar o pato como uma ave imunda, nem à luz dos preceitos bíblicos e nem com base nos grupos que seguem a dieta bíblica.

Inicialmente, ao analisar os textos de Levítico 11 e Deuteronômio 14, que delineiam as leis alimentares divinas, observamos uma lista de aves consideradas impuras para o consumo humano. No entanto, em nenhuma parte desses textos o pato é mencionado. Há uma variedade de interpretações e traduções para os termos hebraicos utilizados, como "gralha", "pelicano" e "abutre", mas nenhuma delas inclui o pato ou a sua espécie, frente as análises que realizamos. A interpretação dos termos hebraicos e a falta de menção específica ao pato nesses textos levam a essa conclusão.

Além disso, ao considerarmos o entendimento judaico também não inclui o pato entre as aves proibidas para consumo. A tradição transmitida ao longo dos séculos não faz distinção entre o pato e outras aves consideradas limpas.

Portanto, com base nessas considerações, podemos concluir que, de acordo com os preceitos bíblicos, a carne de pato não é considerada imunda. O pato, então, é adequado para consumo humano, seguindo as diretrizes das Escrituras.

## REFERÊNCIAS

Software Biblico Logos.

K. Elliger, W. Rudolph e Gérard E. Weil, *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, electronic ed. Stuttgart: German Bible Society, 2003.

Justin L. Kelley, “Bozrah, in Edom”, ed. John D. Barry et al., *The Lexham Bible Dictionary*. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.

Anna Sieges, “Nineveh”, ed. John D. Barry, *Dicionário Bíblico Lexham*. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020.

João Calvino, *Salmos*, ed. Franklin Ferreira, Tiago J. Santos Filho, e Francisco Wellington Ferreira, trans. Valter Graciano Martins, Primeira Edição., vol. 3, Série Comentários Bíblicos. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009–2012.

Rick Brannan, org., *Léxico Lexham da Bíblia Hebraica*. Bellingham, WA: Lexham Press, 2020.

Russell Norman Champlin. *Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002.

K. Elliger, W. Rudolph e Gérard E. Weil, *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, electronic ed. Stuttgart: German Bible Society, 2003.

Henry Barclay Swete, *The Old Testament in Greek: According to the Septuagint*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1909.

*Pato: limpo ou imundo?* Disponível em: <https://www.nistocremos.net/2017/05/pato-limpo-ou-imundo.html> > Acesso em 10/05/2024.

Rabino Shamai Ende. *Cashrut e shabat na cozinha judaica*, 3 ed., São Paulo: Editora Chabad, 2016.